

## Comportamento

## Arquitetura e arte: uma casa, muitas histórias

Mostra reúne artistas de diferentes décadas em residência projetada por Vilanova Artigas na década de 1970, escancarando importância da preservação de obras de arte e arquitetônicas



Entre décadas: obra do argentino Tomás Saraceno integra núcleo ao lado de Tunga e Maria Martins (Crédito: João Castellano)

EDITORA3  
18/08/2023 - 8:30

Para compartilhar:



**ABERTO 02.** É esse o nome da exposição que reúne obras de artistas de diferentes gerações, estilos, temas e origens em uma das casas mais emblemáticas da **arquitetura paulistana**. A residência foi projetada pelo arquiteto **João Batista Vilanova Artigas** em 1974, no Alto da Boa Vista, para abrigar Lydia e Alfred Domschke e suas filhas. As famílias eram amigas e quem se embrenha no espaço logo percebe essa teia de relações, encorpada pelas peças de arte que tomam o lugar do mobiliário original. Ainda que hoje pareça feita para receber a exposição, o elemento “casa” segue muito vivo no ambiente de 700 m<sup>2</sup>.

A designer e curadora **Claudia Moreira Salles** diz que consegue enxergar moradores ali, o casal Domschke e suas filhas que dividiam quartos, armários e banheiros coloridos, hoje adornados por quadros de **Ana Elisa Egreja**, conhecida por retratar esse tipo de ambiente. “A casa tem essa circulação que o (francês) Le Corbusier chamava de passeio arquitetural. Apesar do concreto e do vidro, ela pode ficar acolhedora”, diz.

Décadas depois, é a vez de o espaço acolher artistas consagrados, como **Tarsila do Amaral e Edgar Degas**, e novos nomes da cena internacional, como **Lucas Arruda e Antonio Tarsis**.

“Dar essa vocação para a casa é muito importante, para a família, para estudantes e para o País ter seu acervo cultural preservado.” Segundo Claudia, depois de esvaziada, a casa foi se transformando a partir da inserção de cada obra. “Quando você coloca peças que têm expressão, textura e cor sobre todo esse concreto aparente, a casa toma vida.”

O artista **Marcus Galan**, que possui três quadros no corredor que une os antigos quartos, reflete sobre a harmonia final. “Os núcleos fazem sentido como coleções, como se fossem de um morador.”



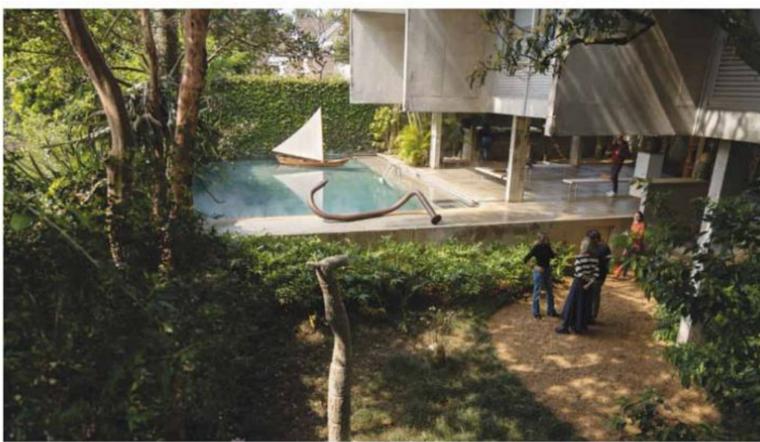
Anos 1960: Artigas projetou prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Crédito: Luiz Saez Parra)

Além do concreto armado, a espacialidade contínua e as rampas, semelhantes às incluídas no projeto da **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP**, compõem a estrutura projetada pelo arquiteto que liderou a Escola Paulista.

Alguns elementos fogem à estética brutalista do movimento, como o uso das cores nos banheiros, corredores e no vitral que liga a garagem ao jardim hoje repleto de esculturas. Essa espécie de liberdade é reforçada por obras como as de Galan.

“Escolhi usar cores que mimetizam com a casa, mas que também geram contraste. No fim, optei por trabalhos mais silenciosos e que se conectam com o lugar pela questão cromática.” Ele faz parte da leva de contemporâneos escolhidos para compor a mostra bem perto de ícones como o carioca **Heitor dos Prazeres** e **Alexander Calder**, conhecido por criar móveis de variados tamanhos, pesos e formas.

“Escolhemos novos artistas que dialogam com o espaço da casa ou com a própria arquitetura. As obras de nomes consagrados vêm para fazer com que as pessoas saiam de casa para ver a exposição”, pontua **Filipe Assis**, curador e idealizador de **ABERTO 02**.



Jardim de esculturas: Francisco Brennand (à frente), Los Carpinteros (ao meio) e Davi de Jesus do Nascimento (ao fundo) (Crédito: João Castellano)

espaços onde apresenta seu trabalho.



Diálogo com espaço: curador Filipe Assis em banco de Amélia Toledo, cercado por cobogó de Humberto Campana (Crédito: João Castellano)

## Teia de relações

São inúmeras as relações criadas por meio das obras que ocupam o mesmo espaço, mas que atravessam o tempo, conectando nomes de diferentes movimentos artísticos.

Há um fio condutor entre as diferentes épocas, como lembra Claudia. “É possível ver uma conexão grande entre artistas e obras, porque, às vezes, há uma mesma maneira de olhar o mundo.”

A mostra acende uma luz para os artistas, mas coloca o holofote sobre o arquiteto. “A exposição tem como papel atrair a atenção para esses tipos de casa da arquitetura moderna, que estão sendo perdidos com a especulação imobiliária”, comenta Filipe sobre a oportunidade de ocupar esse espaço com a segunda edição de **ABERTO**, que também conta com a curadoria de **Kiki Mazzucchelli**.

**“Essas casas, por várias questões, como manutenção, correm o risco de serem demolidas se não são tombadas.”**

**Claudia Moreira Salles, designer e curadora**

**ABERTO 02** vai até 17 de setembro, na Rua Comendador Elias Zarzur, 2036, em São Paulo.